

A Presença da China na América Latina

Uma Visão sobre a Segurança do Cone Sul

Almirante (R/1) Alejandro Kenny, Marinha da Argentina

“Não é possível uma análise contemporânea que exclua a China, sua presença comercial, financeira e política, inclusive um mito, criado a respeito de um crescimento que, de longe, parece um milagre raro”.¹

O Almirante Alejandro Kenny, desempenhou várias funções durante a sua ilustre carreira nas Forças Armadas da Argentina desde os 16 anos de idade, quando ingressou na Academia Naval. Desempenhou vários cargos no navio ARA “Liberdade”, de oficial executivo em um submarino e em 1989 serviu como ajudante de ordem do Presidente da Argentina. Em 2001 e 2002 foi comandante da Zona Naval do Sul com base em Ushuaia, Tierra del Fuego. Tanto no Estado-Maior Naval como Conjunto serviu durante cinco anos nas áreas de assuntos de Política e Estratégia. Obteve o título de Mestre em Relações Internacionais pela Universidade de Belgrano em 1988, e Mestre em Administração pela Universidade Salve Regina em 1994. Publicou artigos e análises profissionais além de ministrar palestras e discursos em inglês e espanhol em seminários acadêmicos e universidades.

PARTINDO DO Cone Sul, há mais de 10.000 milhas náuticas de distância, quase 40 horas de vôos com escalas ou várias semanas de transporte marítimo de cargas; tentamos imaginar a China e sua população. É um país imenso com uma população de cerca de 1 bilhão e trezentos milhões de pessoas “que habitam o lado oposto do globo terrestre”. Grande parte da população fala o “mandarim”, idioma que mais pessoas falam no mundo. Os chineses se encontram no Sul do continente asiático, porém, distantes de outros povos. Em 2006, passaram da sétima para a quarta posição como potência mundial, superando o Reino Unido, a França e a Itália.²

Há mais de um quarto de século do início das graduais reformas de mercado na República Popular da China (RPC) e de seu respectivo impacto para que atingisse um crescimento anual médio de 9%, temos observado um avanço impetuoso de seu poder econômico, político e, até mesmo, das idéias daquela potência asiática.

A Grã-Bretanha, durante a Revolução Industrial, demorou 70 anos para duplicar o aumento da renda per capita de sua população. Os Estados Unidos necessitaram de 35 anos, no final do século XIX e no início do século XX, para surgir como primeira potência industrial do mundo. A China, por sua vez, demorou apenas 9 anos.³

Em 2005, os valores do comércio internacional chinês superaram 1,4 bilhão de dólares, com um crescimento de pelo menos 24% sobre o valor do ano anterior de 2004.

O saldo global do ano de 2004 — favorável ao comércio internacional chinês — foi relativamente reduzido em relação à magnitude total, considerando que cresceu apenas 32 bilhões de dólares. Porém, a China divulgou em janeiro que seu superávit comercial triplicou facilmente no ano 2005, alcançando o montante de 101,9 bilhões de dólares.

O valor do intercâmbio comercial chinês com a União Européia cresceu 23%, alcançando 217,3 bilhões de dólares e com os Estados Unidos cresceu 25%, o equivalente a 211,6 bilhões de dólares. O Japão se manteve como o terceiro parceiro comercial da China com



AFP

O presidente Hu Jintao da China escolta o Presidente Álvaro Uribe da Colômbia durante uma visita a Beijing, em abril de 2006.

um intercâmbio comercial no valor de 184,5 bilhões de dólares, aproximadamente 10% a mais que em 2004.

Analisando as cifras de junho de 2005, os resultados indicam que o Banco Central de Beijing acumulou um total de 711 bilhões de dólares em reservas. Sem dúvida, o dado mais representativo para os países emergentes, e em geral para os países exportadores de commodities/mercadorias, é o crescimento chinês, sua transformação e seu impacto na economia global que por intermédio do crescimento de seu comércio internacional, parece ter modificado a natureza do mercado mundial de commodities.

A China substituiu os Estados Unidos como principal consumidor em quatro dos cinco produtos básicos. A República Popular da China é a principal consumidora de carvão, aço, cobre, alumínio, magnésio e zinco. Somente perde para os Estados Unidos na importação de petróleo. Apesar do consumo de petróleo americano ser três vezes superior ao chinês, o consumo da RPC duplicou desde 1994, estando a demanda atual acima de 9% por ano, enquanto a economia norte-americana vem consumindo apenas a metade, cerca de 4% ao ano.

Para entender o impacto da China no mercado mundial de commodities é importante destacar também a importância da velocidade do crescimento de seu próprio consumo. No período considerado entre 1990 e 2003, no âmbito global, houve um aumento de 13% de consumo de petróleo, enquanto na China foi de 81%. O consumo de aço inoxidável aumentou 48%, enquanto o chinês foi de 806%. O de cobre cresceu 39%, enquanto na RPC aumentou 423%. O de cimento ascendeu para 52%, enquanto naquele País subiu para 227%. A demanda da China está definitivamente no seu auge, o que vem acarretando um aumento sustentado dos preços dos metais. Por exemplo, o cobre alcançou em agosto de 2005 seu preço mais alto dos últimos 15 anos.

Não há dúvida de que o ingresso da China na Organização Mundial do Comércio causará impacto no setor. A China abre seus mercados e amplia uma variedade de produtos para a América Latina. Por outro lado, não poderá subsidiar abertamente alguns bens como o aço, distorcendo os valores do mercado internacional. No âmbito interno, por outro lado, devido aos baixos salários e custos trabalhistas, os países da América Latina

devem continuar se preparando para competir em áreas que dependam principalmente de sua mão-de-obra. No entanto, esse intercâmbio, beneficia ambas as partes, especialmente os países da América Latina com suas economias complementares à da China.

Resultados do Intercâmbio Econômico entre a China, América Latina e Caribe

Os países da América Latina e do Caribe dispõem de recursos fundamentais para a demanda chinesa e possuem uma experiência secular como produtores e exportadores de produtos primários para metrópoles de diferentes níveis de industrialização ao longo da história, como a Espanha, Reino Unido e Estados Unidos. A República Popular da China não precisa recorrer ao seu poder econômico para convencer os governos a abrirem suas portas, considerando as necessidades econômicas e o desejo de muitos países da América Latina e do Caribe de encontrar um parceiro internacional capaz de contrabalançar as assimetrias comerciais com os Estados Unidos.⁴ Nos parágrafos a seguir, analisaremos alguns aspectos dos países que tiveram um intercâmbio bem-sucedido com a China nos últimos anos.

Países do Norte

Cuba. Considerando que o País compartilha de uma mesma ideologia política com a China, o comércio e os investimentos chineses em Cuba têm crescido significativamente nos últimos anos. Em 2004, o comércio bilateral entre os dois países cresceu 36%, totalizando 401 milhões de dólares.

Em novembro de 2004, logo após a conferência de cúpula do Fórum Econômico da Ásia e do Pacífico (*Asia-Pacific Economic Cooperation — APEC*) e a visita ao Brasil, Argentina e Chile, o presidente Hu Jintao visitou, também, Cuba onde assinou 16 acordos bilaterais e comprometeu mais de 500 milhões de dólares de investimento chinês naquele País. Como parte dessa visita de Estado, os dois países também estabeleceram o primeiro fórum anual sobre “Investimentos Sino-Cubanos”, contando com 400 empresários de ambos os países.⁵

México. O comércio da China com o México é significativo e tem crescido na mesma proporção com outros países da América Latina. Entre 1998 e 2003, as exportações mexicanas para Cuba cresceram 337%, enquanto as importações correspondentes aumentaram 476%. Em 2004, o comércio bilateral entre o México e a China rendeu mais do que 7,0 bilhões de dólares, o que representou um crescimento de 44% em relação ao ano anterior. Contrastando com outros países da América Latina, o México tem um déficit comercial significativo e crescente. Em 2003, as importações mexicanas da China foram de 9,298 bilhões, enquanto as exportações foram de 463 milhões de dólares.

Um estudo mostra que, em contraste com outros países da América Latina, a estrutura das exportações mexicanas concorre com a da RPC. Enquanto as relações comerciais de muitas nações da América Latina podem ser definidas como complementares as da China, a do México é de um competidor direto, principalmente em setores de mão-de-obra com baixo valor agregado.

O México oferece grande quantidade de petróleo, outros produtos estratégicos e um número considerável de portos na região do Pacífico. Apesar de o México consumir aproximadamente todo o petróleo que produz, sua proximidade com os Estados Unidos faz com que a China seja cautelosa e menos agressiva em seus investimentos a curto prazo na área do petróleo mexicano. Sem dúvida, a China tem interesse na relação comercial com o México, razão pela qual incluiu aquele país na primeira etapa da visita realizada pelo vice-presidente chinês Zeng Quighong a cinco países da América Latina e do Caribe, entre janeiro e fevereiro de 2005.⁶

Panamá. A importância estratégica do Panamá para a China reside na existência do canal e de sua infra-estrutura que possibilita o transporte de bens entre o Pacífico e o Atlântico. A ampliação de um oleoduto na área permitirá transferir de 100.000 a 800.000 barris de petróleo por dia entre ambas as costas, diminuindo os custos do transporte de óleo da Venezuela até a China. Por outro lado, a China, por intermédio da Companhia de Transporte

Marítimo Hutchinson-Whampoa, conseguiu o aluguel das instalações de Cristobal-Balboa, onde, provavelmente, desenvolverá a ex-base naval americana, localizada em Roadman Point. Isto lhe permitirá uma capacidade potencial de controle sobre o tráfico marítimo em ambos os estuários do canal.

Países da América do Sul

Bolívia. O interesse da China na Bolívia baseia-se no gás natural e em alguns minerais estratégicos bolivianos, apesar destas exportações dependerem de acesso a portos marítimos. A longo prazo, a possibilidade de a Bolívia exportar gás dependerá da resolução sobre a “Lei de Hidrocarbonetos” de 1996, que está sendo revisada pelas novas autoridades eleitas. Recentemente, o presidente Evo Morales fez uma visita à China onde manteve encontros com diversas autoridades locais.

Em termos de comércio e investimentos, a presença chinesa na Bolívia é relativamente modesta. A iniciativa mais importante engloba a assistência da China na construção de uma fábrica de uréia. Em setembro de 2004, o grupo chinês Lutianhua (*LTH Group*), o maior produtor de uréia da China, em cooperação com a *China Chengda Chemical Engineering* e o Grupo *Iisa-Tum Par* da Bolívia se uniram para levar adiante uma tarefa conjunta de desenvolvimento de um projeto para a produção de 180.000 toneladas de amoníaco sintético e 300.000 toneladas de uréia.

O processo de tomada de decisão para o projeto foi baseado na disponibilidade de recursos naturais abundantes no País e no mercado existente com os países vizinhos. A Bolívia é famosa pelo seu gás natural, um dos elementos-chave para a produção da uréia.⁷

Brasil. O Brasil é o primeiro parceiro da China na América Latina. O Brasil é o maior produtor de soja, óleo de soja, ferro, aço e madeira, competindo com a Argentina dentro do Mercosul. A China está interessada no ferro e, recentemente, também, nos derivados do petróleo brasileiro. Existe um plano para a construção de um gasoduto que atravesse o País e acordos com a estatal Petrobras, visando à realização de tarefas de exploração de modo conjunto e do desenvolvimento de refinarias

no País. A China está interessada na produção de alimentos do Brasil tais como a soja, carne de vaca e de frango. Por outro lado, a China se comprometeu em investir na modernização da infra-estrutura de transporte que inclui a expansão do sistema ferroviário brasileiro.

Apesar de não haver necessidade de recursos chineses, ambos os países cooperam significativamente no setor aeroespacial. De forma conjunta, a China e o Brasil desenvolveram e lançaram satélites de investigação e planejam lançar outros em 2008.

Em maio de 2004, o Presidente brasileiro Luis Ignácio Lula da Silva viajou a Beijing acompanhado de 400 executivos de empresas brasileiras. Tal fato é compreensível, considerando que o comércio entre a China e o Brasil cresceu 69% em 2003, passando para 6,6 bilhões de dólares. A China anunciou 3,0 bilhões de dólares em novos investimentos no País, enquanto o governo brasileiro divulgou a cifra de 5,0 bilhões de dólares para investimentos na China.

Chile. O Chile foi o país com as maiores reservas de cobre do mundo (38,3%), sendo o primeiro produtor deste mineral. A China ocupa o terceiro lugar como reserva mundial (6,7%) e o sétimo lugar como produtor. Nos últimos 5 anos, o consumo de cobre na China aumentou em média 10% por ano.⁸ Conseqüentemente, houve um aumento substancial do preço do cobre, levando a China a ter um interesse especial no Chile. Esse interesse não se limita apenas ao cobre e outros minerais, mas, também, a alimentos e às facilidades de bons portos chilenos adequados às atividades de exportação e de importação. O comércio bilateral em 2004 aumentou em mais de 50%, chegando à cifra de 5,3 bilhões de dólares. As exportações da China alcançaram 3 bilhões de dólares, tendo aumentado mais de 1,0 bilhão durante o ano de 2005.

As iniciativas da China no Chile envolvem o cobre e indústrias estratégicas, que refletem os esforços chineses para garantir o acesso aos produtos minerais chilenos. A estatal chinesa *Minmetal* assinou em 2005 um acordo com a empresa chilena de produção de cobre *Coldeco*, avaliado em 1,93 bilhão de dólares, para garantir o acesso ao cobre chileno nos próximos 20 anos.⁹

O Chile é o primeiro país da América Latina a assinar um Tratado de Livre Comércio com a República Popular da China.

Colômbia. O compromisso da China com a Colômbia parece mais limitado, refletindo entre outros fatores os fortes laços existentes entre Colômbia e Estados Unidos. Foi tão significativo que na oportunidade da Cúpula do Foro de Cooperação Econômica da Ásia-Pacífico no final de 2004, os países visitados por Hu Jintao foram o Chile, Argentina, Brasil e Cuba, no entanto o presidente Bush fez uma única parada na Colômbia para encontrar-se com o presidente Uribe.

Não obstante, o presidente colombiano Álvaro Uribe viajou até a China em abril de 2005, em busca de investimentos chineses. Além disso, a Colômbia e a República Popular da China têm interesses comuns relacionados ao transporte de petróleo, o que inclui a construção de um oleoduto da Venezuela até portos do Pacífico, atravessando a Colômbia, que permitirá o escoamento do petróleo venezuelano sem os custos do canal do Panamá.

Equador. O comércio com o Equador tem crescido notavelmente nos últimos 3 anos, assim como nos demais países da América Latina. O Equador conta com importantes produtos estratégicos, além de portos no Pacífico que podem ser utilizados para transportar produtos da América Latina para a China. As empresas chinesas demonstram interesse em participar da produção de petróleo, ferro e cimento.

Paraguai. O Paraguai é a única nação da América do Sul que reconhece Taiwan. No limite entre Paraguai, Argentina e Brasil existe uma área denominada “Tríplice Fronteira” onde a comunidade chinesa de Taiwan realiza muitas atividades. Aproximadamente, 15.000 pessoas de origem chinesa vivem na Cidade do Leste, no Paraguai. Como indicador do dinamismo comercial desse segmento social, o banco Taiwanês *Chinahurst* estabeleceu uma de suas nove filiais internacionais nessa cidade, a primeira e única na América Latina.

Peru. Logo após a cúpula do Fórum Econômico da Ásia e do Pacífico (*APEC*) em 2004, o vice-presidente chinês Zeng Quinghong visitou o Ministro das Relações Exteriores do Peru, Rodriguez Cuadros, para assinar uma série de

acordos comerciais. Em janeiro de 2005, retornou para fortalecer os laços comerciais entre os dois países. Assim como no Equador, a China tem interesse nos produtos derivados do petróleo e também nos portos peruanos localizados no Pacífico, que facilitariam a saída marítima de matérias primas para a China.

Uruguai. O governo uruguaio busca melhorar seu papel de exportador. Negocia, também, neste ano um Tratado de Livre Comércio (TLC) com a China, segundo o Ministro da Economia Danilo Astori em declarações publicadas recentemente em um seminário local. Até o momento, o Chile é o único país latino-americano que tem um TLC com o gigante asiático. No entanto, o Uruguai tem compromissos no âmbito do Mercosul que poderiam afetar essas negociações.

Nos dez primeiros meses de 2005, o Uruguai exportou 100 milhões de dólares para o gigante Asiático e importou o equivalente a 191,4 milhões de dólares.

Venezuela. Pode-se admitir que a Venezuela seja o principal parceiro estratégico da China na América Latina, não apenas pelo intercâmbio existente, mas, também, pelos investimentos e pela natureza da relação entre os dois países. A China investiu mais de 1,5 bilhão de dólares na Venezuela antes de anunciar um outro investimento, considerado o mais importante na região, da ordem de 100 milhões de dólares. No entanto, o comércio bilateral apesar de crescente alcançou apenas 3,0 bilhões em 2005, tendo sido a maior parte desse montante relacionado às exportações do petróleo venezuelano. Esta relação reflete não apenas o interesse Chinês, mas os interesses do presidente Hugo Chavez, que tem buscado mercados alternativos para as exportações de petróleo, procurando limitar a influência dos Estados Unidos na região. Apesar disso, até o momento não existe um oleoduto que permita escoar o petróleo pelo Pacífico, estando às exportações limitadas à capacidade dos navios petroleiros que possam cruzar o canal de Panamá.

Como parte dos acordos assinados pelo Presidente Hugo Chavez na China, em dezembro de 2004, a RPC teria acesso a 15 campos de petróleo com reservas provadas para exploração. A Venezuela poderia chegar a dobrar a sua produção com a assistência da China.



AFP

O presidente argentino Nestor Kirchner e o presidente chinês Hu Jintao brindando durante cerimônia de recepção na sua visita a Beijing, em junho de 2004.

Os chineses também ajudariam na extração de gás natural e na extração de carvão. Ainda como parte dos acordos, a China ajudaria com maquinarias e créditos para aumentar a produção de alimentos. Outro anúncio chinês faz referência a investimentos para a melhoria da rede ferroviária destinada ao transporte de produtos venezuelanos. Também se desenvolvem trabalhos conjuntos na área de telecomunicações, incluindo o lançamento de satélites.

Um Estudo de Caso

As relações entre a China e a Argentina. Atualmente, a China é o principal comprador asiático de produtos argentinos. O comércio bilateral tem crescido significativamente com interesses recíprocos, especialmente depois de 2002. Acordos de cooperação econômica estão sendo gradualmente adotados para uma abertura mútua. Isso tem permitido, dentre outras coisas, o estabelecimento de empresas binacionais e a proteção recíproca nos investimentos entre China e Argentina. Inúmeras empresas chinesas possuem representações permanentes na Argentina, havendo a respectiva reciprocidade

por parte da China. Elas operam em áreas de exploração de petróleo, infra-estrutura de portos e equipamentos para represas hidrelétricas. Os investimentos chineses na Argentina estão orientados para o minério, fertilizantes químicos, indústria de pesca e eletrônica.

Em 2003, o comércio bilateral alcançou 3,176 bilhões de dólares, o que significou um crescimento de 122% em relação ao ano anterior, com um superávit de 60% na Argentina. As previsões indicam que poder-se-á alcançar os 7,0 bilhões em 2009. Da mesma forma como ocorrido com o Brasil, as relações diplomáticas acompanharam as negociações comerciais. Em junho de 2004, um mês após a visita do Presidente brasileiro, o Presidente Kirchner visitou a China acompanhado de empresários argentinos. Poucos meses depois o Presidente chinês Hu Jintao retribuiu a visita por ocasião da cúpula do Fórum Econômico da Ásia e do Pacífico (*APEC*), comprometendo-se a promover importantes investimentos na Argentina.

Existem opiniões que apontam limites na relação entre os dois países, pois a Argentina

não possui portos no Pacífico, além do fato de que o setor industrial argentino receia a invasão de produtos chineses.¹⁰ De um lado, cremos que as opiniões dos empresários argentinos bem como de setores acadêmico e governamental são otimistas a respeito do desenvolvimento crescente das relações comerciais com a China.¹¹ Por outro lado, como o Cone Sul encontra-se precisamente no lado oposto da China, a diferença marítima, tanto pelo leste como o oeste desde a Argentina, não é significativa, considerando que os ventos e correntes favorecem o tráfego marítimo até a China. Além disso, os portos do Rio da Prata, da Hidrovia Paraguai-Paraná e do Atlântico Sul têm melhorado notadamente em eficiência, oferecendo menores custos portuários.

“Não é possível uma análise contemporânea que exclua a China, sua presença comercial, financeira e política, inclusive um mito, criado a respeito de um crescimento que, de longe, parece um milagre raro”.

O importante é que surgem análises e estudos profundos que mostram uma complementação de produtos entre a Argentina e a China, além da percepção de que a Argentina estaria à mercê de um empurrão da economia chinesa, pois o País saiu do colapso econômico e da moratória em que se encontrava no final de 2001.¹²

Os principais produtos argentinos comercializados na China são as sementes, frutos oleaginosos, gordura, azeite animal e vegetal, pele, couro e ração animal. As principais importações da China pela Argentina incluem maquinaria, sobressalentes, aparelhos eletrônicos, máquinas de lavar roupa, geladeiras, cadeiras, equipamentos, jogos e produtos químicos orgânicos.

Uma área de futuro é o minério. A Argentina se converteu recentemente em um novo produtor de cobre e ouro na América Latina, assumindo uma importância regional e mundial. O País chegou a exportar 1,09 bilhão de dólares em 2004, o que representa 5% do

total de suas exportações. Em 1990, sete empresas mineradoras tradicionais operavam na Argentina. Atualmente, somam 55.

Conclusões sobre o Intercâmbio Econômico

O mercado mundial de *commodities* mostra duas mudanças fundamentais: em primeiro lugar é a República Popular da China, e não os Estados Unidos, que se converteu no maior consumidor mundial de quatro das cinco matérias primas mais importantes. Além disso, nos últimos três anos, tivemos pela primeira vez na história do capitalismo, desde a Revolução Industrial, um crescimento da demanda total de *commodities* de 10%. Aumentou a demanda por grãos enquanto cresceu, também, a demanda por minerais e energéticos. Até três anos atrás, crescia a demanda por grãos, mas diminuía a demanda por energéticos e metais. Nos últimos três anos, crescem ao mesmo tempo, na relação direta do aumento do consumo e da demanda chinesa.

No contexto desta expansão econômica, da modificação da natureza do mercado mundial de *commodities* e do impulso do crescimento industrial da China e de países da Ásia no Pacífico o mundo assiste, também, a uma expansão excepcional de investimentos na exploração de minerais estratégicos.

Nos anos de 2006 e 2007 os investimentos na exploração de minerais no mundo alcançarão 98 bilhões de dólares, segundo estimativas do Órgão Mundial de Estatísticas sobre Metais (*World Bureau of Metal Statistics*). A América Latina vai ser a principal região beneficiada, devendo receber uns 29% do total, a África 18% e a Oceania 19%. Em algumas regiões do mundo que oferecem um potencial maior de minérios, as crises não ocorrem tanto pelo aspecto econômico, mas pelo político, ou seja, pelas condições de governabilidade. Esse assunto constituir-se-á em um importante tema para o desenvolvimento econômico de diferentes países da América Latina e do Caribe.

Os países da América do Sul, especialmente Venezuela, Brasil, Chile, Argentina e Bolívia aparecem com as melhores perspectivas e maiores oportunidades econômicas em relação à China, por serem economias que, em termos gerais, são complementares.

Outros Resultados do Intercâmbio da República Popular da China com a América Latina e Caribe

As políticas externas da China e dos países da América Latina e Caribe. “A China tem sido uma civilização pacífica. Não possui uma tradição militarista como o Japão e a Rússia. Desenvolve uma filosofia de vida que sempre tende para o equilíbrio e seus homens de Estado, desde que deixaram no passado o pesadelo da Revolução Cultural, sentem que esse é o destino chinês”.¹³

Dos 26 países que ainda reconhecem Taiwan como uma nação independente, quase a metade encontra-se na América Latina e no Caribe e continuam mantendo relações diplomáticas com Taiwan, o que significa um motivo de grande preocupação para Beijing.

Vale a pena enfatizar que no dia 28 de setembro de 1960, a República Popular da China e Cuba tornaram público o estabelecimento de suas relações diplomáticas. Cuba foi o primeiro país latino-americano a estabelecer relações com a nova China. Como dizem os chineses, o estabelecimento das relações entre Cuba e China abriu uma nova página no desenvolvimento das ligações entre chineses e latino-americanos.¹⁴

No dia 15 de dezembro de 1970, o governo da Unidade Popular de Salvador Allende do Chile estabeleceu relações diplomáticas com a China. O Chile foi o primeiro país sul-americano a estabelecer relações com a China.

Os países da América Latina e Caribe que mantêm relações diplomáticas com a China são citados a seguir, com as datas de estabelecimento da parceria apresentados entre parêntesis: Cuba (28 Set 1960), Chile (15 Dez 1970), Peru (2 Nov 1971), México (14 Fev 1976), Argentina (19 Fev 1972), Guiana (17 Jun 1972), Jamaica (21 Nov 1972), Trinidad e Tobago (20 Jun 1974), Venezuela (28 Jun 1974), Brasil (15 Ago 1974), Suriname (28 Mai 1972), Barbados (30 Mai 1977), Equador (2 Jan 1980), Colômbia (7 Fev 1980), Antigua e Barbuda (1 Jan 1983), Bolívia (9 Jul 1985), Nicarágua (7 Dez 1985), Uruguai (3 Fev 1988), Bahamas (23 Mai 1997), Santa Lúcia (1 Set 1997), Dominica (23 Mar 2004) e Granada (20 Jan 2005).

Os doze países da América Latina e Caribe que reconhecem Taiwan são: Belize, Costa

Rica, República Dominicana, El Salvador, Guatemala, Haiti, Honduras, Nicarágua, Panamá, Paraguai, São Cristóvão e Nevis, São Vicente e Granadinas.

Outro tema que provavelmente desperta o interesse chinês na região é o peso significativo dos votos da América Latina nas Organizações das Nações Unidas. Além disso, a República Popular da China é um membro permanente do Conselho de Segurança das Nações Unidas, se considerando, dessa forma, como um representante dos países do terceiro mundo.¹⁵

A América do Sul em particular, é uma região que não tem tido conflitos com a China, com exceção ao Paraguai no que se refere a Taiwan. Por outro lado, governos de países da América Latina atualmente continuam desviando seus interesses políticos para a esquerda e, de um modo geral, consideram que a cooperação norte-americana das últimas décadas tem sido mais prejudicial do que benéfica. Essa situação pode ser percebida pelos chineses como uma oportunidade de consolidar-se na América do Sul e, por extensão, em toda América Latina e Caribe. Desse modo, a China mantém-se, desde 1990, como observadora da Organização dos Estados Americanos. Como exemplo, pode-se citar o envio de 125 de seus policiais militares como integrantes da Força de Paz da Organização das Nações Unidas ao Haiti, país que reconhece Taiwan.

Estratégia e Segurança

Uma região pode ser considerada transcendente, do ponto de vista estratégico, por ser um local onde se originam conflitos mundiais. Ou, também, se os conflitos entre os estados não ocorrem, será provavelmente porque os interesses encontram-se devidamente protegidos. O Cone Sul não possuía relevância estratégica enquanto os países poderosos não tinham seus interesses centrados ali. Há exceções, como a presença britânica nas Ilhas Malvinas, a presença de frotas pesqueiras extra-regionais em áreas do Atlântico e do Pacífico, além das zonas econômicas exclusivas, as plataformas marítimas de exploração de petróleo e gás que começam a ser rentáveis, fazendo crescer de importância à demarcação de seus limites localizados na plataforma continental ou as tarefas de investigação

científica de países da região ou de fora da zona Antártica. Não obstante, não se percebe hoje nenhuma importância estratégica tal, que acarrete a necessidade de gastos com sua proteção ou conflitos de magnitude que possam alcançar níveis fora do controle na área.

Por outro lado, a aproximação da China com a América Latina na busca de “alimentos para sua imensa população e matéria prima para sua indústria”, em um contexto de escassez de água em seu próprio país e abundância na América Latina, poderia gerar tensões crescentes com o passar do tempo e idéias semelhantes que lembrem o “perigo amarelo” encarnado pelo Japão em tempos passados.

A estratégia para os países do Cone Sul, incluindo a América Latina e Caribe, que têm se beneficiado por uma bonança econômica promovida pela China, se orientará certamente na direção dos impulsos chineses. A geração de condições institucionais apropriadas para o investimento estrangeiro direto da RPC será um objetivo prioritário, considerando “que a presença da China também é niveladora na América Latina, especialmente diante dos Estados Unidos”.¹⁶

Porém, a enorme influência econômica que a China exerce na América Latina de modo real ou potencial, pode, também, gerar tensões imprevistas e não desejadas. Assumindo uma posição mais equilibrada, a RPC procuraria atuar em países da América Latina com maior cautela, levando em consideração as relações existentes dos Estados Unidos com os países da região. Tal fato sugere que os países mais afastados da influência política norte-americana possam ter laços econômicos mais estreitos com a China. A grande escala da influência econômica que está sendo analisada pode gerar efeitos não desejados, assimetrias indiretas entre países vizinhos, como por exemplo, o aumento do preço internacional do cobre em resposta ao aumento da demanda, os quais se encontram diretamente relacionados com o orçamento das Forças Armadas, no contexto do Sistema de Defesa do Chile.

Políticas Chinesas de Cooperação da Defesa

A China vem implementando uma campanha para modificar profundamente seu sistema de defesa, sua capacidade e sua imagem. Os equipamentos

militares chineses são tecnologicamente inferiores aos dos países desenvolvidos, o Exército de Libertação do Povo tem reduzido seu efetivo, mas tem procurado desenvolver tropas especiais e novas táticas, mantendo ainda um orçamento de defesa bastante alto para a região.

Para evitar atritos com países vizinhos e outros países do mundo, o Exército de Libertação do Povo levou a cabo, simultaneamente, uma revisão completa em sua doutrina, incrementando a transparência de seus planos e de seus equipamentos militares. Uma das medidas empregadas com esta finalidade consistiu na ampliação de intercâmbio militar com as demais nações da Ásia e do restante do mundo.

No decorrer de 2005, a China manteve intercâmbio militar com 138 países e participou de 41 projetos de cooperação bilateral ou multilateral. A frota chinesa realizou, sucessivamente, exercícios conjuntos de resgate com forças do Paquistão, da Índia e da Tailândia.

Por esse motivo, delegações militares chinesas têm realizado visitas regulares à América Latina, com o propósito de ampliar suas experiências com novos tipos de armamento e equipamentos, administração de recursos humanos e processos de seleção e avaliação. O Exército de Libertação do Povo tem aberto suas bases militares a jornalistas e mostrado suas instalações, bem como sua forma de trabalho para o público.

Os intercâmbios com países da América Latina aumentaram sua frequência em 1995. Desde então, estas relações consistem em:

- Visitas de Ministros da Defesa e Chefes de Estado-Maior Conjunto e das Forças Armadas;
- Visitas de outras autoridades militares do Alto Comando;
- Curso de Doutrina Militar e Defesa Nacional do Exército da República Popular da China, realizado anualmente para oficiais superiores estrangeiros, com a duração de três meses em Beijing; e
- Seminário “Um fórum sobre segurança e cooperação, com vista ao futuro das relações entre a China e a América Latina”.

Este último, na sua primeira versão, foi realizado na China pelo Exército de Libertação do Povo entre os dias 5 e 16 de setembro de 2005, tendo sido direcionado para Oficiais Superiores (coronel ou equivalente) de países da América

Latina. Concorreram oficiais da Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Cuba, Chile, Equador, México, Peru, Uruguai e Venezuela. Com exceção de Cuba e México, todos os demais países foram da América Latina, sendo que, obviamente, o Paraguai não esteve presente, em razão de suas relações com Taiwan.

Cada país teve autorização para enviar dois oficiais do Ministério de Defesa ou de órgãos militares correspondentes. O encontro incluiu um seminário de seis dias em Beijing e visitas durante quatro dias às principais cidades da China, suas Unidades e Escolas Militares (Beijing, Xian, Wulumuqi e Shangai).

A Conferência abordou os seguintes temas:

- Introdução geral sobre a China;
- A Política de Defesa Nacional e a estrutura militar da China;

- As relações entre a China e a América Latina.

A política chinesa para a América Latina;

- O problema de Taiwan da China e a Segurança da Ásia – Pacífico;

- O Intercâmbio Militar entre a China e outros países, e as perspectivas de cooperação militar entre a China e a América Latina; e

- A nova revolução militar no mundo, um desafio para os países em desenvolvimento.

O Exército de Libertação do Povo assumiu os custos de alojamento, alimentação e transportes dos oficiais convidados.

Outros Temas Centrais que Afetam a Segurança

Nas relações entre a China e a América Latina, os problemas políticos e ideológicos foram abandonados, tendo sido substituídos por negociações comerciais. Porém, existem algumas questões relacionadas com a segurança que ainda merecem atenção.

As “*Triadas*” são organizações criminosas existentes há muitos séculos e que, a partir de 1949, se estabeleceram, principalmente, em Hong Kong. Atualmente, também operam na China Continental, Taiwan, Macao e nas “Cidades Chinesas” da Europa, América do Norte, Sul da África, Austrália e Nova Zelândia. Historicamente, se formaram como sociedades patrióticas, tendo alcançado posições-chave na estrutura de poder da China. Em algum momento na história, perderam sua função na sociedade,

estando nos tempos modernos associadas às atividades criminosas praticadas pelas máfias.

Atualmente, existem uns 50 grupos de *Triadas* em atividade em Hong Kong, muitos desses com o porte de uma “gangue de bairro”. Os grupos mais importantes são o “Sun Yee On, Wo Shing Wo e o 14K”, que são mais sofisticados criminalmente e semelhantes aos mafiosos ocidentais.

Suas atividades incluem o tráfico de drogas, lavagem de dinheiro, imigração, jogo ilegal, prostituição, roubo de automóveis e outras formas de ilícitos. Sua maior fonte de lucro provém do roubo de propriedade intelectual, como pirataria de software de computadores, músicas e filmes. Esses grupos são muito sensíveis e de difícil penetração, em razão de sua unidade grupal, étnica e cultural.

A imigração de pessoas de etnia chinesa na América Latina é um processo que vem se desenvolvendo com o passar dos anos, com uma integração notável com a cultura e a economia dos países da América Latina. Os aspectos vinculados a delitos cometidos, por parte de integrantes destas comunidades, constituem um tema de segurança interna de cada um dos países envolvidos.

Essas organizações possuem conexões em todo o mundo, tendo adaptado seus negócios ao mundo moderno. Suas atividades ilícitas permitiram-lhes arrecadar somas milionárias que financiam outros negócios. Uma das *triadas* mais poderosas na América Latina se chama Fu Chin. Seu principal ramo é o tráfico de pessoas.¹⁷

Em Buenos Aires, onde a população chinesa se aproxima de 45.000 pessoas, mais de 4.000 pequenos mercados foram estabelecidos pela comunidade chinesa, sendo admissível suspeitar que existam ramificações das *triadas* em desenvolvimento. É importante ressaltar, também, a atuação das *triadas* na região da “Tríplice Fronteira”, especialmente na Cidade do Leste.

Deve-se destacar que não há evidências de ligação entre as atividades das *triadas* com o governo da República Popular da China. De fato, quando ocorreram os incidentes de imigração ilegal na Venezuela, em maio de 2003, as autoridades chinesas negaram de forma veemente qualquer envolvimento com àquelas organizações.

A China e o Meio Ambiente

O crescimento econômico da China e da Índia constitui um dos fatores de maior desafio para a preservação do meio ambiente que o mundo enfrentará no século XXI, segundo a análise norte-americana do *Worldwatch Institute*, denominada *State of the World 2006. Special Focus: China and India*. Conforme destaca o instituto em um comunicado difundido em Washington, ambos os países têm em suas mãos o poder de definir o futuro do planeta nos próximos

A China não demonstra interesse em desafiar os Estados Unidos na América Latina, mas quer reconhecer a América Latina como parte de sua esfera de influência, não apenas na retórica, mas nos fatos.

anos: podem manter seu desenvolvimento econômico sem preservarem o meio-ambiente... com conseqüências imprevisíveis para o clima e para a natureza ou podem se converter na vanguarda do desenvolvimento sustentável e das energias renováveis. O *Worldwatch* sustenta que há motivos para ser otimista. “Formadores de opinião na China e na Índia reconhecem que o modelo de crescimento econômico, com consumo intenso de matéria prima, não funciona no século XXI”. Por sua vez, o Presidente do Instituto, Christopher Flavio, disse que “A China e a Índia podem superar países industrializados em um prazo de 10 anos e se tornarem líderes do mercado mundial de energia e agricultura sustentável”.

O Instituto destacou que, atualmente, a emissão de dióxido de carbono nos Estados

Unidos é ainda seis vezes maior que na China e 20 vezes maior que na Índia.

O cuidado com o meio ambiente nos próprios territórios da RPC e da Índia é um tema predominante neste informe. Porém, o surgimento da China como novo motor e eixo da economia mundial, evidenciam uma tendência de caráter estrutural difícil de prever ou mudar na América Latina e Caribe, e que pode levar nossos países a conflitos relacionados com a extração de matéria prima ou com o desenvolvimento sustentável e ecológico. A extração do petróleo e do minério pode oferecer dificuldades neste sentido, levando em consideração que algumas Organizações Não-Governamentais (ONGs), voltadas para esse tema, poderão atuar principalmente em reservas ambientais que preservem muito de seus recursos naturais e que, ainda, não sofreram ataques sérios ao meio ambiente, não por falta de políticas orientadas, mas por falta de industrialização.

Conclusões Finais

Comparando-se as atividades comerciais da China com a América Latina, com as desenvolvidas com os Estados Unidos, União Européia ou Japão, concluímos que aquelas não ameaçam e nem são de grande escala. A meta central de Beijing na América Latina é encontrar novos mercados para ampliar suas exportações, além de ter acesso a recursos naturais da região para o seu próprio desenvolvimento.

A ampliação das relações com os países da América Latina permitirá apoiar outras metas da China no processo de globalização, tais como isolar diplomaticamente Taiwan. A China não demonstra interesse em desafiar os Estados Unidos na América Latina, mas quer reconhecer a América Latina como parte de sua esfera de influência, não apenas na retórica, mas nos fatos. Outras metas da República Popular da China parecem incluir o propósito de compartilhar o acesso a determinadas tecnologias e de aperfeiçoar sua imagem internacional, levando apoio às comunidades de etnia chinesa, evitando qualquer associação com as organizações internacionais criminosas.

Apesar de Beijing, no passado, ter priorizado suas relações com Washington e Moscou,

atualmente, a China construiu vínculos fortes com o resto da comunidade internacional. A América Latina faz parte desta agenda. Nos últimos tempos, as autoridades chinesas têm apostado que os países da região serão estáveis e não apresentarão problemas estratégicos. Dentro desse contexto, a China desenvolveu laços políticos, econômicos e até de interesse militar com nações da América Latina.

Segundo uma visão hemisférica, teriam mais sentido as relações contemporâneas entre a China e a América Latina, observando a cooperação aeroespacial chinesa, a influência da China no controle do Canal do Panamá ou as relações militares e de inteligência entre Cuba e China.¹⁸ Para os países da América Latina e do Caribe, segundo a ótica de seus interesses, parecia de uma forma geral que a influência chinesa poderia afetá-los na medida em que se desenvolvam projetos de grande escala, que os façam perder o controle sobre sua própria economia, sobre seus recursos naturais ou sobre a devida proteção do meio ambiente. Esse último tem maior importância, considerando-se que, depois dos Estados Unidos, a China é o país que mais contamina o meio ambiente com dióxido de carbono.

A imigração de pessoas de etnia chinesa na América Latina é um processo que vem se desenvolvendo com o passar dos anos, com uma integração notável com a cultura e a economia dos países da América Latina. Os aspectos vinculados a delitos cometidos, por parte de integrantes destas comunidades, constituem



Hu Jintao com Fidel Castro em Havana quando o presidente chinês foi condecorado com a medalha da Ordem José Martí durante uma solenidade do Conselho do Estado, em novembro de 2004.

um tema de segurança interna de cada um dos países envolvidos.

Em relação à cooperação militar da RPC com alguns países da América Latina, observa-se uma preocupação especial da China na transparência desses intercâmbios. Isto pode parecer mais a influência do forte controle do sistema militar chinês sobre o Ministério das Relações Exteriores do que uma reciprocidade,

segundo análise de Ministérios de Defesa de países da América Latina. Não obstante, podem surgir oportunidades que deverão ser analisadas. A participação da República Popular da China nas Operações de Paz no Haiti representa uma excelente ocasião para se estimular à realização de intercâmbios de operações realizadas e de lições aprendidas pelas forças policiais chinesas naquele País.

Alguns especialistas¹⁹ estão preocupados por considerarem as manifestações chinesas de *soft power*, especialmente sobre elites econômicas, tecnocráticas e setores intelectuais da América Latina. A combinação da ordem interna com regras do jogo fixadas de maneira rígida tem sido a responsável pelo forte e constante crescimento econômico, associado a uma alta acumulação de divisas. Diante disso, as críticas dos setores acadêmicos, de políticos e de ONGs nos Estados Unidos, Europa e Ásia em relação à carência de avanços na liberdade política na China não logram um efeito substancial.²⁰

Essa preocupação pelo *soft power* chinês foi transmitido a setores de Segurança Nacional dos Estados Unidos que operam na América Latina.

Tanto analistas²¹ como funcionários²² do governo americano destacam, por diversas razões, a necessidade de Washington estar vigilante sobre os efeitos estratégicos, econômicos e políticos da crescente presença econômica, cultural e diplomática da China. Tudo isso, paradoxalmente, acontecendo no contexto da ampliação de laços comerciais, financeiros e até mesmo políticos entre as duas potências.

Outro paradoxo que poderia acontecer na América Latina, durante os próximos anos, é a crescente tensão entre os ressentimentos e os alertas geopolíticos e estratégicos de Washington em relação à China, ao mesmo tempo em que setores neoliberais da América Latina, tradicionalmente aliados aos Estados Unidos e em união com governos da região, em sua maioria de esquerda, aumentem sua admiração e negociação com a China. Caso isso seja acompanhado pela geração de pólos de desenvolvimento como fontes de progresso na América Latina, com maiores redes de desenvolvimento social e melhor distribuição da renda sem corrupção, o paradoxo será superado pela realidade. Caso contrário continuará existindo. **MR**

Referências

1. SANGUINETTI, J.; "China ya hizo pie en América Latina", *Diario La Nación*, Buenos Aires, 15 dez 2005, Argentina. O autor foi o presidente do Uruguai.
2. Estas previsões começaram a materializar-se em 20 de dezembro de 2005, quando o Escritório Nacional de Estatística China difundiu resultados do recálculo do PBI para o ano 2004.
3. CASTRO, J.; apresentação no Seminário Internacional: "V Encuentro Nacional de Derecho Minero y VI Encuentro Latinoamericano y del Caribe de Legislación Minera", Buenos Aires, 6 – 7 set 2005, Argentina.
4. "Bush goes to Beijing, China goes to Latin America", Council on Hemispheric Affairs (COHA) Pesquisa 05.05 – 14 nov 2005, EUA.
5. ELLIS, R. Evan; "U.S. National Security Implication of Chinese Involvement in Latin America", <www.carlisle.army.mil/ssi>, jun 2005, EUA.
6. ELLIS, R. Evan; "U.S. National Security Implication of Chinese Involvement in Latin America", <www.carlisle.army.mil/ssi>, jun 2005, EUA.
7. "Sicuaní Urea Firm to Build JV in Bolivia", People's Daily Online, 10 set 2004, EUA.
8. TRAMUTOLA (h) C.; CASTRO, L.; MONAT, P.; "China, como puede la Argentina aprovechar la gran oportunidad", Buenos Aires, *Editorial Edhasa*, 2005, Argentina, p. 83.
9. ELLIS, R. Evan; "U.S. National Security Implication of Chinese Involvement in Latin America", <www.carlisle.army.mil/ssi>, jun 2005, EUA.
10. ELLIS, R. Evan; "U.S. National Security Implication of Chinese Involvement in Latin America", <www.carlisle.army.mil/ssi>, jun 2005, EUA, p.12.
11. TRAMUTOLA (h) C.; CASTRO, L.; MONAT, P. "China, como puede la Argentina aprovechar la gran oportunidad", Buenos Aires, *Editorial Edhasa*, 2005, Argentina, p.196.
12. TRAMUTOLA (h) C.; CASTRO, L.; MONAT, P. "China, como puede la Argentina aprovechar la gran oportunidad", Buenos Aires, *Editorial*

Edhasa, 2005, Argentina.

13. SANGUINETTI, J.; "China ya hizo pie en América Latina", *Diario La Nación*, Buenos Aires, 15 dez 2005, Argentina.

14. SHICHENG, Xu; Conferência "El desarrollo de las Relaciones Chino-Latinoamericanas y la Política China hacia América Latina", Instituto de América Latina, Academia de Ciencias Sociales de China, set. 2005, RPC.

15. DELAMER, G.; GOLDSTEIN, L.; MALENA J. e PORN, G.; "Chinese Interests in Latin America", *The Newport Papers*, 2004, p. 87, EUA.

16. SANGUINETTI, J.; "China ya hizo pie en América Latina", *Diario La Nación*, Buenos Aires, 15 de dezembro de 2005, Argentina.

17. DELAMER, G.; GOLDSTEIN, L.; MALENA J. e PORN, G.; "Chinese Interests in Latin America", *The Newport Papers*, 2004, EUA, p. 91.

18. DELAMER, G.; GOLDSTEIN, L.; MALENA J. e PORN, G.; "Chinese Interests in Latin America", *The Newport Papers*, 2004, EUA, p. 87

19. KAPLAN, R.; "How we would fight China", *The Atlantic Monthly*, junho de 2005, EUA.

20. CALLE, F.; "Los EE.UU frente al ascendente "soft" y "hard power" chino en América Latina", Centro para la Apertura y el desarrollo de América Latina (<www.cadal.org>), 2005, Argentina

21. CRS Report for Congress, "China's growing Interest in Latin America", 20 de abril, 2005, EUA.

22. SHAPIRO, C. Principal Deputy Assistant Secretary of State for Western Hemisphere Affairs, testemunho "The Role of China in Latin America: Diplomatic, Political and Economic Consequences", testemunho perante o Sub-comitê do Senado, 20 de setembro, 2005. General B. Craddock, Comandante, Comando Sul dos EUA, testemunho perante o Comitê das Forças Armadas da Câmara de Representantes pelo "Fiscal Year 2006 National Defense Authorization budget request", 9 de março de 2005, EUA.